

Outros temas polêmicos dificultam negociações

*Escravidão,
colonização e
homossexualismo
continuam pendentes*

Além das questões referentes ao Oriente Médio, a Conferência Mundial contra o Racismo tem outras pendências que dificultam as negociações. Elas estão relacionadas com a lista de vítimas de discriminação e com as reparações devidas aos herdeiros daqueles que foram discriminados. É consenso que a lista de vítimas deva incluir povos indígenas, ciganos e deficientes mentais, mas há resistência quando se fala de homossexuais.

Tentando aparentemente vencer essa barreira, a delegada da Suécia, Mona Sahlin, informou que seu país aprovou em fevereiro um plano nacional contra o racismo e a homofobia. "O racismo e a discriminação tomam formas cada vez mais agressivas na Suécia, especialmente em relação aos imigrantes, ciganos e homossexuais", lamentou a ministra.

Há muita discussão também sobre o tipo de compensações ou reparações que as vítimas de discriminação devem receber. Os representantes da Alemanha, da Itália e do Japão, os países que formavam o Eixo na 2.ª Guerra Mundial, afirmaram que seus governos estão dispostos a lutar contra o racismo e a fazer o possível para que não se repita "o desastre" de 50 anos atrás.

"Nós, alemães, estamos cons-

ternados e sentimos vergonha ao ver que a violência e o ódio contra os estrangeiros estejam crescendo de novo em nosso país", afirmou no plenário o ministro do Exterior da Alemanha, Joschka Fischer. "O crime mais odioso do século 20 foi cometido por meu país, com o genocídio de 6 milhões de judeus e ciganos", afirmou Fischer, acrescentando que "a memória desse ato e a responsabilidade dele decorrente marcarão para sempre a política alemã".

Escravidão – O movimento negro brasileiro, cujos militantes compareceram em massa à conferência, demonstram interesse especial na discussão sobre as reparações. "Não se fala em dinheiro, mas em compensação para os descendentes de escravos que até hoje sofrem as

consequências da escravidão", adverte o professor Hélio Santos, das Universidades Santana e São Marcos, em São Paulo. Santos defende oportunidades para a população negra, com a ado-

ção de uma política "focalista" que ataque pontos críticos, como o acesso à universidade e ao emprego. "Não sou a favor do sistema de cotas para a universidade, pois essa é uma proposta antipática e injusta até com os negros", disse o professor, dando como exemplo a Bahia. "Como estabelecer cota de 10% para os baianos negros, que são maioria em seu Estado?" Ele sugere a criação de curso preparatório ao vestibular para os alunos vindos de escolas públicas. (J.M.M.)

NEGRO
BRASILEIRO
PARTICIPOU
DE SESSÕES